

15 de setembro de 1949

MEIO DE SEMANA

O menino de espírito cego não poderia sentir mais que os pássaros próximos, o rumor das árvores no vento imediato, a luz quando renascia e chegava na sensação tateante onde trechos do mundo se deslocavam. Em torno, a vida era um cântico que se erguia e morria nos seus limites nítidos, a fuga das águas, o cheiro das ervas, um livro presente entre os precários horizontes alcançados pela ansiedade das mãos incertas.

Isolado na tranquilidade da província daquela época que a paisagem fixara para sempre no seu silêncio, desconhecendo o caminho de outras línguas, as notícias do mundo, a extensão que se projetava infinita para além das fronteiras de algumas ruas na cidadezinha adormecida, ele viveu durante muito tempo na ilusão de que apenas aqueles livros à mão eram os frutos mais altos do espírito da época. Depois dos fascículos de Nik Carter, dos contos de Conan Doyle, de qualquer coisa de Poe, páginas esparsas vindas de quem sabe que acasos, depois disso *Tapera e Ruínas Vivas* fazem um oásis nessa arenosa ausência do deserto. Pela primeira vez um texto sugeria a beleza oculta nas coisas e a sugeria facilmente, porque o seu universo estava esparso pela terra mais próxima, era evocação do Rio Grande fixado para sempre na sua alma de criatura nascida nessa atmosfera de realidade e lenda, mistura fatal em todos os mundos, raiz da humanidade de cada um e de seu povo.

Nem sempre nessa ingênua cegueira do momento que se situa entre a infância mágica e o primeiro espanto em face dos valores ainda incertos do mundo, nem sempre estabelecemos nitidamente em nossa consciência a existência de um autor. Este nos oferece o encanto de suas páginas, ou a

inquietação ainda difusa, ou a surpresa de uma coisa ainda em suspenso, e nós ainda não podemos conceber a sua objetividade de homem. Alcides Maya existia esfumado ao longe, numa remota região acadêmica, intangível e poderoso na sua construção literária que nos devolvia um Rio Grande tocado de epopéia ou amortalhado nas brumas de uma saudade incerta, saudade de um mundo que apenas havíamos pressentido, ou adivinhado, ou mal entrevisto às vezes na vaga poesia da legenda. Era como se o rapsodo da terra houvesse devolvido a esta aquilo que já não havíamos encontrado, que o tempo já consumira e a história aguardava em sua urna na memória das cinzas. Era o primeiro trecho daquela página sobre a tapera. Morta mas ainda de pé, em debuxo ao fundo ermo dessa imensidão triste... Era a figura do Coronel Chico Santos, grisalho, chimarreando, o rancho pobre. Era Miguelito em seu ímpeto, resumindo toda a fatalidade de uma raça amamentada pela vocação romântica de seu momento na história, de suas raízes na tradição. Páginas que sabíamos de cor, como aquele fim de *Ruínas vivas*. O olhar carregado de vingança, cintilante de álcool, a fachada altiva da antiga residência caudilheira... Sem saber que lá, como em tudo ao redor, como nele próprio, só havia restos... Eram aquelas manchas de *Tapera* relidas ao calor da primeira paixão literária, recolocadas como máscaras ao longo da realidade, como se o Rio Grande voltasse a desenrolar o seu filme de lutas, de dramas e de cavalgadas, numa ressurreição de cenários, num retorno de espectros.

Depois o mundo nos revelou a outra face. E como é fatal e irremediável a morte de todas as coisas e o aparecimento de outras neste infinito caleidoscópio de figuras que somos nós e são as coisas, os livros se acumularam, as páginas amortalharam outras páginas, na função aglutinadora da poeira esparsa para formar uma unidade pessoal, tão efêmera como as outras. Alcides Maya, lá no fundo desse corredor da vida que o nevoeiro do tempo vai deformando, é dos primeiros em nossa admiração comovida dessa época. Esse assobio de minuano de invernos que já vão longe, certas madrugadas que nunca mais se repetirão, qualquer coisa vaga, inapreensível eficazmente, e que para nós representava a expressão da paisagem e da humanidade no Rio Grande, talvez continuem ainda tocadas pela sugestão literária do escritor, tão fundo calam na

infância as primeiras descobertas do espírito no universo de suas próprias sensações.

O mundo se desdobrando, a idade ampliando a pesquisa, nos oferecem novas faces de suas máscaras. A moda efêmera marca o momento e passa. A literatura se simplifica na força interior, e perde a cintilação dos adjetivos suntuosos. O espírito é outro e diferentes os pontos de vista. E cada escritor deve ser colocado e sentido dentro das contingências de seu tempo. Só o instante universal do homem pode salvá-lo dos erros que se tornam sensíveis à visão telescópica do tempo.

O momento de Alcides Maya permanece intato nesse recuo histórico. Como o de todos os escritores cobertos de passado, distantes na fuga da torrente eterna. Se possuímos o poder de nos colocarmos em seu instante, ainda poderemos admirá-lo com o calor daquela primeira surpresa.